

É Xi Jinping quem segura a batuta

Um após o outro, o Presidente chinês recebeu Trump e Putin nos últimos dias. E marcou o tom com ambos

HÉLDER GOMES

Donald Trump aterrou em Pequim na quarta-feira da semana passada. Vladimir Putin já estava de malas aviadas para o regresso a Moscovo na quarta-feira desta semana. Xi Jinping limitou-se a ficar na capital chinesa e recebeu, em separado, no Grande Salão do Povo, os seus homólogos dos Estados Unidos da América (EUA) e da Rússia. As cimeiras consecutivas não foram coincidência, antes recado. “Xi quer mostrar que tanto Trump como Putin têm de viajar até Pequim para tentarem conquistar os seus favores”, diz a analista Sarah Hurst ao Expresso.

Trump regressou a Washington com o compromisso chinês de comprar aos EUA pelo menos 17 mil milhões de dólares (€14.600 milhões) anuais em produtos agrícolas até 2028 e uma encomenda inicial de 200 aviões Boeing. Mas foi Xi quem ditou o léxico do encontro e ‘puxou’ da Armadilha de Tucídides para deixar avisos ao Presidente dos EUA. A designação foi cunhada por Graham Allison, politólogo de Harvard, para descrever o risco de guerra entre uma potência estabelecida e outra emergente. Para não caírem na armadilha, devem evitar imiscuir-se em assuntos que apenas dizem respeito ao outro, sugeriu Xi. Tradução para Trump entender: qualquer passo em falso sobre Taiwan, como apoio à nação insular que Pequim reclama, pode empurrar a China e os EUA para o conflito.

“Sem limites”

A também curta cimeira com o Presidente russo serviu para reforçar a “parceria sem limites” — assinada por Xi e Putin em Pequim a 4 de fevereiro de 2022, 20 dias antes da invasão em larga escala da Ucrânia — e antecipar as bodas de prata do Tratado de Boa Vizinhança e Cooperação Amigável de 2001, que se assinalam a 16 de julho próximo.

Para a investigadora Liselotte Odgaard, do Instituto



O Presidente da China recebeu o seu homólogo russo no Grande Salão do Povo, em Pequim FOTO ALEXANDER KAZAKOV/REUTERS

“O triângulo já não é manipulável a partir de Washington, só de Pequim”, diz a perita Liselotte Odgaard

Hudson (EUA), a cimeira com Putin revelou “não uma parceria de iguais, mas tampouco uma vassalagem grosseira”, antes “uma assimetria gerida e deliberadamente construída pela China”. A Rússia continua a ser-lhe estrategicamente útil por causa da energia, do peso militar e até da disrupção geopolítica, mas é “estruturalmente mais fraca e tecnologicamente dependente”. Acresce que está “condicionada” do ponto de vista económico e “isolada” no plano diplomático.

Pequim usa essa fragilidade de fixando Moscovo como base de matérias-primas,

posicionando-se como guardião do acesso a mercados e tecnologia e servindo-se da Rússia como contrapeso ao Ocidente, “sem os custos de uma aliança formal”. Daqui resulta “uma dependência funcional”: a Rússia não está formalmente subordinada, mas a sua autonomia encolhe. O desenho de Xi, diz Odgaard, é “uma parceria hierárquica numa ordem multipolar, com a China como polo modelador e a Rússia como adjunto estratégico”.

China, “ator global”

Cátia Miriam Costa, investigadora no Centro de Estudos Internacionais do ISCTE, confirma o cada vez maior peso de Pequim. “Já consegue posicionar-se como ator global e não apenas como potência regional”, refere, destacando a “assertividade sempre diplomática” de Xi. A

China precisa dos mercados externos para honrar o contrato social do Partido Comunista Chinês com a população — assente em crescimento, ordem e rejuvenescimento nacional em troca de monopólio político —, mas recusa o papel de potência interventiva e o vocabulário herdado da Guerra Fria. E quando os EUA sondam a China sobre o que pode fazer quanto ao Irão ou à Venezuela, fornecedores energéticos centrais, Pequim reafirma os seus princípios: não intervenção e primado da negociação económica.

Com Moscovo a lógica é outra, puramente pragmática. “A China tem alavancagem sobre a Rússia, sem dúvida”, afirma a investigadora ao Expresso. A “amizade sem limites” do discurso oficial convive com desconfiança recíproca, visível em sondagens, mas as necessidades também são mútuas. Moscovo preci-

sa do mercado e do crédito chineses para contornar as sanções e financiar a guerra na Ucrânia; Pequim, do petróleo e do gás russos, das infraestruturas que constrói em território russo no quadro da Nova Rota da Seda e, sobretudo, do acesso ao Ártico, às rotas e aos recursos que o degelo torna atrativos. “Articuladas, formam um bloco continental extremamente importante, com uma grande capacidade de ação.”

‘Kissinger invertido’?

Sobra dos últimos dias a questão do ‘Kissinger invertido’. A jogada original foi arquitetada por Henry Kissinger, conselheiro de segurança nacional do Presidente Richard Nixon: explorar o cisma sino-soviético com a aproximação a Pequim, em 1971-72, para isolar Moscovo, o adversário mais perigoso. A

versão invertida, debatida em Washington desde o regresso de Trump à Casa Branca, pretendia o oposto: usar a Rússia para conter uma China muito mais poderosa do que a então União Soviética. Para Odgaard, a ideia “tem hoje muito pouca tração real”. Pressupõe que Washington pudesse explorar divergências entre Moscovo e Pequim, mas é a China que “controla o ritmo, a simbologia e a sequência do triângulo”. A dependência russa, em vez de afastar Moscovo, prende-a ainda mais a Pequim. “O triângulo já não é manipulável a partir de Washington”, mas da capital chinesa.

O centro da ação deslocou-se para leste, enquanto a autonomia estratégica da Europa é “limitada e reativa”. E, assim, Xi pode segurar a batuta para afinar a orquestra global a seu gosto.

hgomes@expresso.imprensa.pt